

A BRANCA DE NEVE

Um dia, em pleno inverno, em que os flocos de neve caíam do céu como plumas, uma rainha estava sentada junto a uma janela de caixilhos de ébano preto e cosia. E enquanto cosia e olhava a neve caindo picou-se no dedo com a agulha e três gotas de sangue tombaram na neve. E era tão bonito de ver o vermelho sobre a neve branca que ela disse:

— Oh, se eu pudesse ter uma filha tão branca como a neve, tão vermelha como o sangue e tão negra como a madeira deste caixilho!

Pouco depois, teve uma menina que era tão branca como a neve, tão vermelha como o sangue e com os cabelos tão pretos como o ébano e a quem, por tudo isto, chamaram Branca de Neve. E quando a criança nasceu, a rainha morreu.

Um ano depois, o rei casou-se de novo. A sua nova esposa era uma bela mulher, mas orgulhosa e altiva, que não suportava que alguém fosse mais belo que ela. Tinha um espelho mágico e, quando se olhava nele, perguntava:

 Espelho meu, espelho verdadeiro,
 Quem é a mais bela do mundo inteiro?

E o espelho respondia:

Minha rainha, vós sois a mais bela do mundo inteiro.

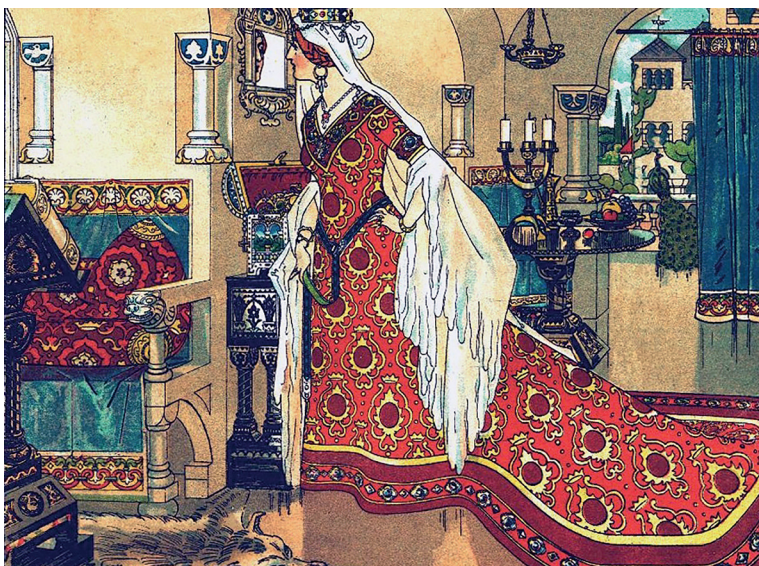
E ela ficava tranquila porque sabia que o espelho dizia sempre a verdade.

Entretanto, a Branca de Neve crescia, cada vez mais bela; quando tinha sete anos, era tão bela como a luz do dia e mais bela que a própria rainha. E um dia em que a rainha perguntou ao espelho:

 Espelho meu, espelho verdadeiro,
 Quem é a mais bela do mundo inteiro?

Ele respondeu:

Minha rainha, sois mais bela que a rosa,
Mas a Branca de Neve é mil vezes mais formosa.



Então a rainha assustou-se e ficou amarela e verde de inveja. Desde esse momento, sempre que via a Branca de Neve, o coração contorcia-se-lhe no peito, tanto era o ódio que lhe tinha. E a inveja e o orgulho não lhe paravam de crescer como uma erva ruim, de tal maneira que nunca mais teve descanso, nem de noite, nem de dia. Por isso, mandou chamar um caçador e disse-lhe:

— Leva esta criança para a floresta, que não quero mais vê-la. Vais matá-la e tens de me trazer o fígado e os pulmões como prova.

O caçador obedeceu e levou-a, mas quando desembainhou o punhal e quis cravá-lo no coração da inocente Branca de Neve, ela começou a chorar e disse:

— Bom caçador, poupa-me a vida; eu fujo para a floresta e nunca mais voltarei.

E ela era tão bonita que o caçador teve pena e disse:

— Corre então, pobre criança.

«Os animais selvagens não tardarão a devorar-te», pensou, mas a ideia de não a ter matado tirou-lhe um grande peso de cima. E como um javalizito passou por ele saltitando, degolou-o, tirou-lhe os pulmões e o fígado e levou-os como prova à rainha. A cozinheira teve de os cozinhar com sal e a malvada mulher comeu-os, convencida de que eram os pulmões e o fígado da Branca de Neve.

A pobre criança ficou sozinha no grande bosque e tinha tanto medo que olhava para todas as folhas das árvores sem saber que santo chamar em seu socorro. Começou a correr entre as pedras e as silvas e os animais selvagens passavam por ela aos saltos, mas não lhe faziam mal. Correu tanto quanto as pernas lho permitiram, até ao cair da noite; foi então que viu uma casa muito pequena onde entrou para descansar. Na casa, tudo era pequenino, mas tão limpo e delicado que é difícil imaginar. Havia uma mesinha coberta por uma toalha branca com sete pequenos pratos, cada um deles com a sua pequena colher, mais sete facas e garfos pequenos e sete copinhos. Havia sete camas muito pequeninas, ao lado umas das outras, encostadas à parede, cobertas com lençóis brancos como a neve. A



Branca de Neve, que tinha muita fome e muita sede, comeu um pouco de legumes e pão de cada prato e bebeu um pequeno gole de vinho de todos os copos, porque não queria deixar nenhum vazio. Depois, estava tão cansada que quis deitar-se numa das caminhas, mas não cabia em nenhuma: uma era grande de mais, outra demasiado curta, até que a sétima era finalmente à sua medida; deitou-se, encomendou-se a Deus e adormeceu.

Quando já era muito de noite, os donos da casa regressaram; eram os sete anões que trabalhavam nas montanhas, cavando e escavando para extrair o minério. Acenderam as suas sete velinhas e assim que a casa